

ROGÉRIO TUMA

Lucros e prejuízos na vida

Pesquisas ensinam como a economia comportamental pode ajudar a tornar as pessoas mais saudáveis

O *Journal of American Medical Association*, de 28 de novembro, traz um artigo que ensina como padrões podem utilizar técnicas de economia comportamental para que empregados tomem decisões corretas em relação à própria saúde. George Loewenstein, professor de Economia e Psicologia da Universidade Carnegie Mellon, junto aos pesquisadores da Universidade da Pensilvânia, da empresa Aetna e do Centro Médico de Veteranos da Filadélfia, descobriu que uma das principais causas dos problemas mais graves de saúde da população é a decisão errada da própria pessoa.

Tabagismo, ingestão excessiva de álcool e obesidade são as causas para um terço das mortes nos EUA e em países desenvolvidos – e todos dependem de vontade pessoal. Outro exemplo é a displicência com as receitas médicas. Por exemplo, os medicamentos prescritos para controle de diabetes, hipertensão e prevenção de infartos e derrames nem sempre são utilizados. Os autores do artigo declaram que, um ano após sofrerem infarto, quase 50% dos pacientes deixaram de tomar os remédios prescritos para baixar o colesterol.

Por que as pessoas costumam tomar decisões erradas em relação à sua saúde, enquanto, se o problema é financeiro e as informações igualmente corretas, invariavelmente acertam nas decisões? Diferentemente da economia clássica, a economia comportamental reconhece que há fatores negativos que interferem na escolha dos indivíduos e dificultam a tomada de decisões corretas. Os cientistas, então, cunharam o termo “paternalismo assimétrico” como uma maneira de explorar esse fator da economia comportamental e aplicá-lo para que, mesmo sem perder o livre-arbítrio, as pessoas façam escolhas corretas a respeito da própria saúde.

Vamos à prática. Agora que estamos perto das festas e do verão, muitos vão



PLANEJAMENTO. Praticar exercícios tem efeito tardio, enquanto a gula é imediata

fazer promessa de regime para o Ano-Novo, mas só uma minoria levará isso a sério. Para os pesquisadores, esse é um exemplo de interferência, pois a decisão correta (fazer regime e melhorar a saúde) a médio prazo é prejudicada pela vontade do momento (comer um doce). O custo de deixar de comer é imediato, enquanto o benefício de não comê-lo é mais tardio, portanto, sem força de vontade a escolha errada vencerá.

Outro fator negativo de interferência

“Quando alguém está no melhor de seu comportamento, nem sempre está sendo o melhor de si.”

ALAN BENNETT, ESCRITOR INGLÊS

é que tendemos a escolher a opção que mantenha o *status quo* e não a que gere mudanças. Se padrões nas empresas ou mesmo os indivíduos que promovem política de saúde nas comunidades quiserem se aproveitar dessa interferência, poderão ajudar as pessoas a fazer escolhas mais saudáveis. Alguns exemplos. As redes de fast-food poderiam utilizar o paternalismo assimétrico oferecendo nos pedidos combinados a água como bebida-padrão, em vez do refrigerante. Alimentos mais saudáveis poderiam ser apresentados primeiro na fila do bandeirão de uma fábrica. A área de fumantes poderia ficar a alguns lances de escada do fumante, sem direito a elevador.

Incentivos antecipados também se mostraram eficazes na redução de tabagismo e álcool: não é preciso esperar o funcionário parar de fumar para premiá-lo. Outra ação positiva é marcar antecipadamente o check-up específico para diabéticos, hipertensos e outros funcionários que sofrem de doenças crônicas, pois cancela-



lar o controle pré-agendado é mais desconfortável do que não marcá-lo.

Para os autores do artigo, o simples uso do paternalismo assimétrico pode contribuir muito para evitar milhões de mortes anuais que ocorrem por maus hábitos e que poderiam ser modificados utilizando técnicas de economia. ■